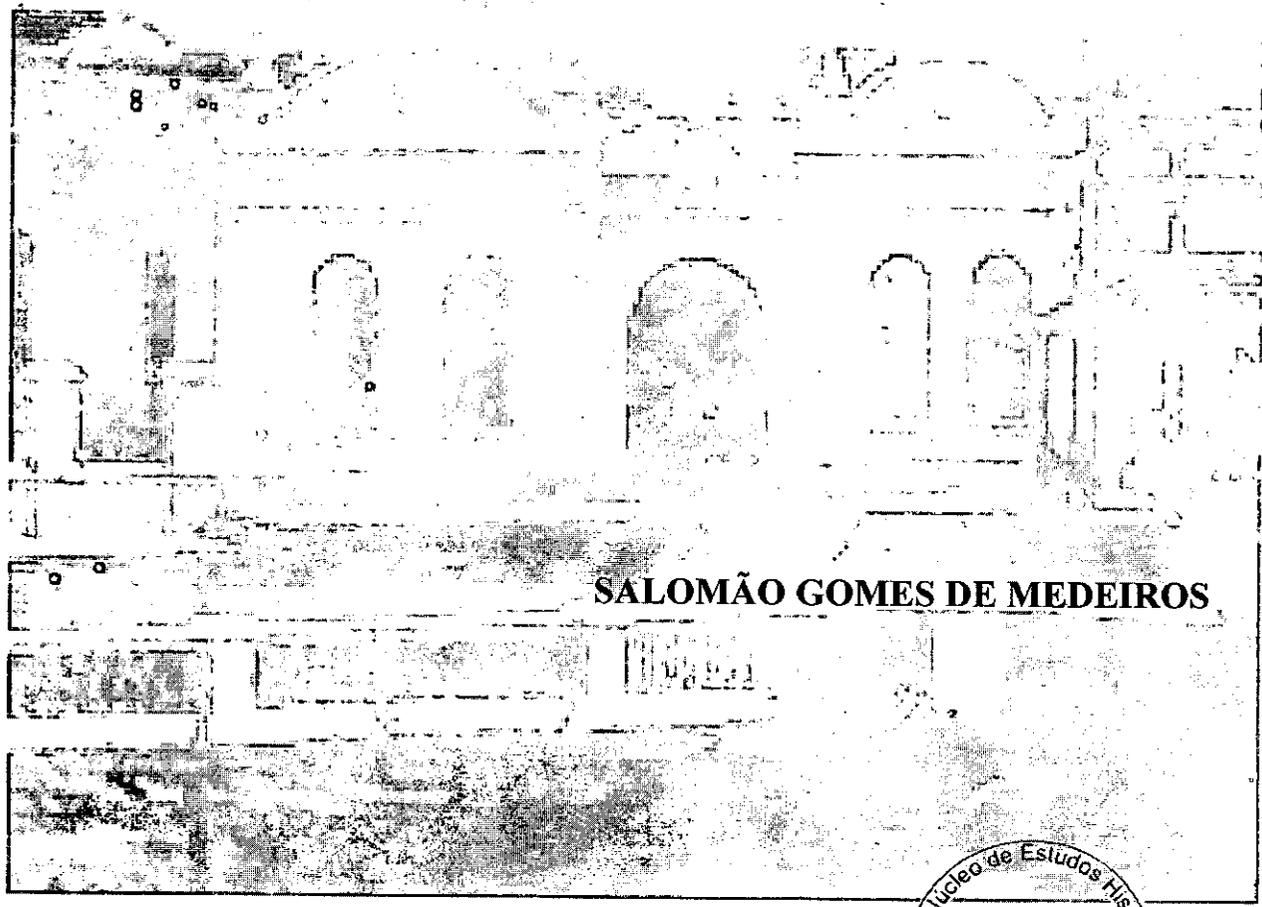


20/12/05 18:00 LI 1A815  
JOSNAH COELHO  
Luis Eduardo Brandão Soares  
Mestre em História



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

## *A gripe espanhola em Natal: outubro a dezembro de 1918*



**SALOMÃO GOMES DE MEDEIROS**

Natal/RN  
2005



SALOMÃO GOMES DE MEDEIROS

A GRIPE ESPANHOLA EM NATAL:  
Outubro a dezembro de 1918

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do  
Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte, sob a orientação do professor Raimundo Nonato Araújo  
da Rocha.

Aprovada em \_\_\_\_ de dezembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Raimundo Nonato Araújo da Rocha

---

Prof. Wicliffe de Andrade Costa

---

Prof. Luis Eduardo Brandão Suassuna

Natal / RN  
2005

SALOMÃO GOMES DE MEDEIROS



A GRIPE ESPANHOLA EM NATAL:  
Outubro a dezembro de 1918

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do Curso de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do professor Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

Natal / RN  
2005

Dedicatória:

Aos meus pais, pelos muitos anos de  
dedicação ao longo da vida.

À Marli, minha mulher, pelo  
companherismo.

Às minhas filhas, Caroline e Sara,  
fontes de alegrias.

Se as armas fossem mais poderosas do que a inteligência humana, os carrascos seriam mais úteis do que os sábios, mas, não são.

(Autor desconhecido)

## AGRADECIMENTOS

A **Deus** por ter permitido que, sem esmorecer ao longo do caminho, eu chegasse ao fim de mais uma jornada. A Ele agradeço por mais uma vitória na vida.

Ao Professor Raimundo Nonato da Rocha, pelo apoio, dedicação, paciência e profissionalismo no acompanhamento da pesquisa.

À Professora Francisca Aurinete Girão, pela orientação nas normas técnicas de apresentação da monografia.

Aos amigos Carlos e Welligton, que foram de fundamental importância para que eu pudesse concluir o trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a concretizar a pesquisa.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 Natal na transição da década de 1910 para 1920	11
2 A Gripe Espanhola em Natal	17
3 Os tratamentos para curar a <i>Gripe Espanhola</i>	24
CONCLUSÃO	30
BIBLIOGRAFIA E FONTES	32
ANEXOS	34

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar a reação da população de Natal à epidemia de *gripe espanhola*. Essa epidemia atingiu a cidade no período de outubro a dezembro de 1918. Para atingir esse objetivo será demonstrado como os jornais locais anunciavam a doença, bem como a epidemia se manifestava em diferentes espaços.

Optamos por estudar a gripe espanhola em Natal como tentativa de contribuir com as primeiras informações nessa lacuna acadêmica. No nosso mapeamento prévio, para identificar os estudos sobre o tema, não identificamos estudos sobre a epidemia na cidade. Apesar da existência de trabalhos sobre a gripe no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre, em Natal nada encontramos sobre o assunto. É importante ressaltar que estas cidades tiveram um número muito maior de perdas do ponto de vista humano e material, mas não podemos esquecer que a população de Natal também sofreu com o problema.

Antes de chegar à população natalense, a *gripe espanhola* já tinha atingido outras cidades brasileiras e européias. Segundo a historiadora Adriana Goulart, a epidemia matou em oito meses de 50 a 100 milhões de pessoas em todo o mundo. A autora acredita que o primeiro foco da epidemia ocorreu no dia 1º de março de 1918, em um acampamento do Exército americano, no estado de Kansas nos Estados Unidos. Naquela ocasião foram infectados vinte e seis mil homens.

Esse número parecia assustador num primeiro momento, mas ao final da epidemia seria muito pequeno. Isso porque, no final da epidemia se contabilizou um total de meio milhão de americanos, quantidade de óbitos superior ao ocorrido em todos os conflitos que os americanos se envolveram ao longo do século XX.<sup>1</sup>

Segundo Goulart, o foco da gripe espanhola chegou à Europa por intermédios dos soldados americanos. A imundície das trincheiras e o convívio entre as pessoas facilitaram a

---

<sup>1</sup> KOLATA, Gina Bari. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p, 9.

rápida propagação da doença. Em pouco tempo a *Gripe* tinha atingido com muita força tanto países envolvidos diretamente com a Primeira Guerra, como a França e a Inglaterra, quanto países que se mantiveram neutros no conflito, como é o caso da Espanha. Aliás, a Espanha, particularmente, atingiu um patamar de oito milhões de pessoas enfermas.

Os primeiros brasileiros a contraírem a gripe foram oficiais da *Missão Médica do Exército* que estavam a caminho do Senegal. Durante a viagem muitos morreram e seus corpos foram lançados ao mar. A notícia chegou ao Brasil, por meio de cabograma, a 26 de setembro de 1918. As autoridades sanitárias do país foram informadas do fato, mas não tomaram nenhuma medida de natureza preventiva. Mesmo quando surgiram as primeiras notícias sobre o alastramento da epidemia na Europa, durante o mês de setembro de 1918, as autoridades brasileiras continuaram sem dar a devida atenção à doença.

A epidemia representou um intrigante problema para a medicina. Num primeiro momento as mais importantes autoridades médicas do mundo compartilhavam a idéia que aquela gripe era apenas mais uma como todas as outras que se manifestavam durante o inverno. Entretanto, à medida que os dias passavam e o número de vítimas aumentava num ritmo assustador, os médicos começaram a se preocupar de fato com os efeitos devastadores da doença.

Nosso interesse em estudar a gripe espanhola surgiu durante as aulas de graduação em História, quando passamos a nos interessar pela saúde pública em diferentes tempos e espaços. A partir daí começamos a estudar a gripe espanhola e encontramos a epidemia como tema de estudos em várias cidades brasileiras. Nesse sentido, como já afirmamos, pesquisas já analisaram a epidemia no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre. Para se ter a noção da gravidade da situação, estima-se que em todo o país tenha falecido em torno de 35 (trinta e cinco) mil pessoas, num curtíssimo período de 2 (dois) meses.

Diante dessa constatação passamos a mapear os estudos que tratavam da epidemia em Natal. Para nossa surpresa não encontramos nenhum estudo sobre o problema na cidade. Fomos aos jornais locais e detectamos uma série de notícias e reportagens sobre o tema. A partir daí passamos a formular nosso problema de investigação.

Formulado o problema passamos a delimitação das fontes. Nesse sentido, a pesquisa se utilizou do jornal “A República”, no período de setembro de 1918 a março de 1919. Os exemplares do jornal foram localizados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e no Arquivo Público Estadual. Nesses jornais identificamos as reportagens e os artigos que se referiam à gripe na cidade. A partir dessas informações conseguimos identificar os casos da doença, os locais de atendimento aos enfermos, as formas de divulgação dos jornais. A opção pelo jornal “A República” ocorreu em razão de ser este o único periódico, produzido em Natal no período em estudo.

Além desse jornal, usamos as obras “*Saneamento e Modernização*” de Januário Cicco; “*De cidade a cidade*”; de Giovana Oliveira; “*História da Cidade do Natal*” de Luís da Câmara. No seu conjunto essas obras foram fundamentais para caracterizarmos a cidade no período em que surgiu a epidemia. A obra *Saneamento e modernização de Natal* explicita a interpretação do autor, sobre as condições higiênicas da cidade nas décadas de 1910/1920. No texto o autor procura demonstrar quais as obras necessárias para tornar a cidade mais higiênica, principalmente no que diz respeito ao saneamento. Em “*De cidade a cidade*” a autora descreve a intervenção do Estado na paisagem urbanística de Natal. Cascudo, na “*História da Cidade do Natal*”, abordada a evolução da cidade desde a sua fundação.

Tentamos localizar outros periódicos, publicados em Natal no início do século. Esse é caso do jornal “*A Ordem*”, uma publicação da Igreja Católica. Entretanto, só os periódicos publicados a partir de 1930 estavam disponíveis para consultas; o que frustrou a minha tentativa de utilizá-lo.

Inicialmente tínhamos também a meta de entrevistar pessoas que tivessem vivenciado o momento da epidemia, entretanto fomos impedidos de realizar esse procedimento porque não encontramos pessoas com esse perfil, face ao tempo decorrido desde a manifestação da epidemia.

Do ponto de vista teórico o trabalho usou como principais referências os seguintes livros: “*Influenza, a medicina enferma*”, de Liane Bertucci; “*A Gripe Espanhola em São Paulo*”, de Cláudio Bertolli Filho; “*A gripe*”, de Gina Bari Kolata; “*Banalização da morte na cidade calada*”, Janete Silveira Abrão; “*Quem é bom já nasce feito*”, de André Mota. Além desses livros usamos ainda a dissertação de Mestrado “*Um cenário mefistofélico: gripe espanhola no Rio de Janeiro*”, de Adriana Goulart.

Nas obras “*Influenza, a medicina enferma*” e “*A Gripe Espanhola em São Paulo*”, tivemos acesso a análises sobre a epidemia em São Paulo. Nesses textos pudemos identificar os procedimentos e as fontes usados pelos autores, bem como os eixos teóricos que nortearam as suas preocupações.

Também buscando entender fontes, já usadas por outros estudiosos, usamos os trabalhos “*A gripe*” e “*Banalização da morte na cidade calada*”. No primeiro texto a autora apresenta um panorama do alastramento da *gripe espanhola* nos Estados Unidos e relata tentativas feitas por cientistas para decodificar o vírus da epidemia. No segundo texto o foco do trabalho é a propagação da gripe na cidade de Porto Alegre.

No livro “*Quem é bom já nasce feito*” encontramos a formulação de discursos e de práticas em favor da construção de uma raça brasileira pura. Raça essa que seria constituída a partir das máximas eugênicas e higiênicas. A obra deixa evidente como os pressupostos científicos, das primeiras décadas do século XX, explicitavam a necessidade da formação de uma civilização saudável. Essas reflexões foram fundamentais para que pudéssemos entender práticas médicas usadas no combate à doença.

A dissertação *“Um cenário mefistofélico: gripe espanhola no Rio de Janeiro”* permitiu que pudéssemos conhecer a presença da gripe na então capital Federal. O escrito mostra a situação precária vivida na cidade no período, como os cadáveres insepultos amontoados nas ruas a espera dos coveiros, os saques nas lojas e as especulações dos comerciantes.

Além disso, busquei também artigos na Internet que discutissem o tema. Nesse sentido foram consultados sites como o scielo ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)) e o portal Capes ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)). Nesses sites tivemos acesso a vários estudos dedicados ao tema e pudemos encontrar caminhos para novos trabalhos.

No tocante à estruturação do trabalho, resolvemos dividi-lo em três capítulos. O primeiro se dedicará a analisar como era a cidade do Natal no momento em que eclodiu a epidemia, quais as condições de higiene, saúde e educação da população. O segundo capítulo buscará demonstrar como a epidemia chegou a Natal e qual a repercussão da sua chegada. E por fim, no terceiro capítulo procuraremos conhecer os tratamentos sugeridos pelos médicos e os números relativos à doença em nossa cidade.



## 1. NATAL NA TRANSIÇÃO DA DÉCADA DE 1910 PARA 1920

Natal, no início do século XX, era uma cidade pequena se comparada a outras cidades brasileiras. Enquanto o Rio de Janeiro, em 1910, já possuía mais de 1.000.000 (Um Milhão) de habitantes e Recife já possuía uma população de aproximadamente 238 (duzentos e trinta e oito) mil habitantes, a nossa cidade viu seu contingente populacional evoluir de 16 mil para 30 mil pessoas no período compreendido entre 1900 e 1920<sup>2</sup>.

Os limites geográficos da cidade, em 1920, estavam definidos pela Resolução nº 54, emitido pelo Conselho da Intendência do município de Natal. A partir desse documento a cidade pôde cobrar impostos pelo uso de terrenos na área urbana. Pela Resolução os limites eram os seguintes:

a área limitada por uma linha que partindo da Fortaleza da Barra, pela margem direita do Rio Salgado até o porto do Refoles, daí se dirige, na direção leste a ponta da “Areia Preta”, passando pelo Lazaretto da Piedade e Lagoa Manoel Felipe (dez 1900).<sup>3</sup>

A legislação que determinava os limites anteriores a essa Resolução, era a Lei provincial nº 118/1844. Por essa Lei a área urbana da cidade ficava compreendida entre o Baldo e a Gamboa da Costinha<sup>4</sup>, sendo considerado os outros limites o rio Potengi de um lado e o cordão de dunas do outro. Entretanto, em razão da dificuldade em cobrar os impostos e conseqüentemente aumento da população levou a intendência a promover esta mudança no início do século XX.

<sup>2</sup> LIMA, Pedro de. **Saneamento e Modernização em Natal: Januário Cicco, 1920**. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

<sup>3</sup> RESOLUÇÃO Nº 54 da Intendência de Natal, Apud, Oliveira, Giovana Paive de. **De cidade a cidade**. p. 61.

<sup>4</sup> Local, no leito dos rios, onde se remansam as águas, dando a impressão de um lago sereno HOLANDA, 1986.

A partir da Resolução 54 a cidade passou a ter uma área urbana configurada nos bairros da Ribeira, da Cidade Alta, do Passo da Pátria, do Alecrim. A Ribeira era um bairro residencial, mas lá se encontrava a maioria das casas comerciais<sup>5</sup>, o Porto da cidade, a Estação Ferroviária. O bairro abrigava aproximadamente 4.385 (quatro mil trezentos e oitenta e cinco) habitantes que residiam em 1.224 moradias<sup>6</sup>.

A Ribeira se prolongava para o bairro das Rocas, onde moravam mais 2.390 (duas mil trezentas e noventa) pessoas, distribuídas em 597 (quinhentas e noventa e sete)<sup>7</sup> casas com condições precárias de habitação. Nas Rocas moravam operários e pescadores, que habitavam casas de taipa e chão batido.

Para Cicco a Ribeira e as Rocas apresentavam grandes espaços vazios, situados em terrenos arenosos que facilitavam o acúmulo de águas pluviais. Em razão dessa facilidade, encontravam-se nessa região lagoas que transbordavam e impediam a movimentação da população. Como não existia galeria para a água das chuvas, esses bairros eram transformados em viveiros de mosquitos e facilitador de doenças. Além disso, Cicco afirma que o fato das casas não possuírem fossas fechadas facilitava para que se adquirisse doenças das mais diversas.

A cidade Alta também era um bairro residencial e comercial. Em 1920 a Cidade Alta contava com uma população de 6.813 (seis mil oitocentos e treze) habitantes e com um total de 1.619 (hum mil seiscentos e dezenove) casas<sup>8</sup>. No bairro existiam alguns estabelecimentos comerciais. Era o bairro onde se concentrava a população com maior poder aquisitivo<sup>9</sup>. Por estar situado em terreno que favorecia a infiltração das águas da chuva com

---

<sup>5</sup> Havia um total de 125 lojas no bairro.

<sup>6</sup> Lima, Pedro de – **Saneamento e Modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. p.37.

<sup>7</sup> Lima, Pedro de – **Saneamento e Modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. p. 37

<sup>8</sup> CICCO, Januário. In: Lima, Pedro de – **Saneamento e Modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. p.28.

<sup>9</sup> Lima, Pedro de – **Saneamento e Modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. p. 23.

facilidade, no local não existiam as poças de água o que dificultava a proliferação das doenças e dos insetos.

A cidade Nova, área onde atualmente se localizam os bairros de Petrópolis e Tirol, na transição da década de 1910 para 1920, contava com 647 casas e 3.231 habitantes.<sup>10</sup> O bairro foi criado, em 1901, pela Resolução nº 55 do *Conselho da Intendência de Natal*. Na interpretação de Cicco, era o lugar da cidade que se destacava pela preocupação dos habitantes com a segurança sanitária. Era, segundo Cicco, o lugar mais agradável da cidade.

O Passo da Pátria, bairro habitado por operários em sua maioria, estava localizado às margens do Rio Potengi. Era um local destinado ao plantio de capim e a criação de porcos. Era considerado um local tão insalubre que o Dr. Januário Cicco fez a seguinte observação quanto ao destino que lhe deveria ser dado.

Em relação ao Passo da Pátria e imediações, a situação parecia ser extremamente precária. Segundo Cicco, citado por Lima, o bairro era um lugar onde os indivíduos viviam em péssimas condições de habitação e sem nenhuma condição de higiene, onde não existiam fossas e as casas eram verdadeiras pocilgas. Cicco, argumentando em favor da higienização da cidade, defendia a destruição do bairro como única medida profilática possível a ser adotada para resolver definitivamente o problema de higiene daquele espaço e, conseqüentemente, impedir a proliferação de doenças e hábitos degenerativos para o restante da cidade<sup>11</sup>.

O Alecrim era então o bairro mais populoso de Natal. Compreendia uma área urbana e três áreas rurais: Boa Vista, Baixa da Belleza e Refoles. Ao todo o bairro contava com 7.132 (sete mil, cento e trinta e duas) pessoas, 1.462 (hum mil quatrocentos e sessenta e duas casas) dentro dos seus limites.<sup>12</sup> Lima afirma que a situação do bairro do Alecrim era a

<sup>10</sup> CICCO, Januário. In: Lima, Pedro de – *Saneamento e Modernização em Natal*: Januário Cicco, 1920. p. 38.

<sup>11</sup> LIMA, Pedro de. *Saneamento e Modernização em Natal*: Januário Cicco – 1920. p. 53.

<sup>12</sup> Lima, Pedro de. *Saneamento e Modernização em Natal*: Januário Cicco – 1920.. p. 43

mais preocupante do ponto de vista das condições de salubridade, em razão da pobreza que existia no local. O Alecrim era o bairro mais populoso da cidade e, proporcionalmente, o que tinha mais habitantes por residência.

A cidade tinha dentro dos seus limites, lagoas que compunham a paisagem urbana. Duas lagoas mereciam destaque a Lagoa do Jacob e a Lagoa do Baldo. A Lagoa do Jacob, que recebia as águas que desciam da Cidade Alta no período das chuvas, normalmente transbordava, impedindo o trânsito das pessoas que quisessem sair do bairro da Ribeira para a área onde atualmente se localiza o bairro de Petrópolis. Outra lagoa muito importante para a população, particularmente a mais pobre, era a Lagoa do Baldo, pois era lá que as pessoas iam para lavar roupa, tomar banho e até buscar água para uso doméstico.

Quando chegava o verão essas lagoas se transformavam em viveiros de mosquitos, fazendo com que as autoridades sanitárias solicitassem do poder público a canalização ou o aterramento objetivando livrar em definitivo a cidade de algumas doenças que eram transmitidas por esses insetos.

Apesar de ser considerada uma cidade pequena em termos populacionais, Natal, em 1920, já contava com uma infra-estrutura razoável. Existiam pelo menos três escolas públicas e uma escola privada. As escolas públicas em funcionamento eram a Escola Augusto Severo, que funcionava na Ribeira; a Escola Frei Miguelinho, no bairro do Alecrim e, o Ateneu norte-rio-grandense. O estabelecimento de ensino privado era o Colégio Imaculada Conceição, mantido pelas Irmãs Dorotéias.

No que se refere à cultura, o Teatro Carlos Gomes (atualmente Alberto Maranhão) se encontrava em funcionamento desde 1904<sup>13</sup>. O teatro foi construído como uma tentativa de modernizar a cidade e sua construção retirou do local um barracão que abrigava retirantes. Nas primeiras décadas do século XX o local era espaço destinado às elites. Era o espaço do

---

<sup>13</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999. p. 154.

divertimento saudável, fundamental para o desenvolvimento dos bons hábitos e dos bons costumes. " (Discurso da época) (ver o teatro como o local de degradação

A cidade tinha energia elétrica desde 1911, o que permitiu nas primeiras décadas do século XX a substituição dos bondes movidos a tração animal pelos bondes elétricos<sup>14</sup>. A energia, os bondes e todas as facilidades que eles traziam demonstravam que a modernidade estava presente na cidade. Entretanto, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso a esse processo.

No que diz respeito à higiene e à saúde, a cidade contava com um hospital público: o Hospital Juvino Barreto<sup>15</sup>. Além disso, contava também com um centro para isolamento de Tuberculosos: São João de Deus<sup>16</sup>. Esse centro era coerente com a idéia de construir espaços para isolamento de portadores de doenças contagiosas.

O cemitério do Alecrim era o único da cidade, ainda que os críticos afirmassem que não tinha mais espaço para receber os mortos da cidade.

A cidade dispunha de um forno para incineração de lixo, que por volta de 1920 já estava inoperante, e a combustão dos detritos era feita ao ar livre.

No que diz respeito ao saneamento, era um melhoramento há muito reclamado pelos setores que cuidavam da saúde da população.

Postas essas considerações, percebe-se que Natal no momento em que chegou a epidemia da *Gripe espanhola* tinha condições precárias do ponto da saúde e da higiene. A cidade tinha todas as condições para permitir a proliferação de epidemias. Nas primeiras décadas tinha, na maioria absoluta dos casos, residências que não possuíam fossas sépticas. Mesmo com um discurso de modernização, apresentado pelo Estado, as condições reais existentes para a maioria da população permitia que doenças epidêmicas se desenvolvessem

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **De cidade a cidade**. Natal: EDUFRN, 2000. p. 86

<sup>15</sup> ARAÚJO, Iaperi. In; LIMA, Pedro de. **Saneamento e Modernização em Natal**: Januário Cicco, 1920. p. 15.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **De cidade a cidade**. Natal: EDUFRN, 2000. p. 77 e CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. P. 213

com facilidade. É nessa conjuntura que procuraremos entender a chegada da gripe na cidade e os medicamentos usados.

## 2. A GRIPE ESPANHOLA EM NATAL

### 2.1. A epidemia em Natal.

A exemplo do que já acontecia no restante do país, a *Gripe* também começou a mostrar sua face em nossa capital. Considerando, que no porto de Natal atracavam diversas embarcações, trazendo passageiros das mais diversas partes do país, era inevitável que, mais cedo ou mais tarde, fôssemos nos deparar com a terrível epidemia, que já vinha ceifando vidas ao redor do mundo, e em nosso país não estava sendo diferente.

Em Natal, as primeiras notícias sobre a *Gripe Espanhola* foram publicadas, em meados do mês de setembro, mais especificamente a partir da 2ª quinzena de outubro, pelo jornal “A República”. Essas notícias davam conta de fatos que estavam acontecendo no mundo e no Brasil. Notícias que envolviam brasileiros e estrangeiros vitimados pela epidemia.

Além dos jornais, o próprio Governo Federal se empenhou em divulgar medidas de combate a gripe. Assim, o Diretor Geral de Saúde Pública, Carlos Seidl, enviou um telegrama para o Inspetor de Saúde do Porto de Natal, o médico Januário Cicco, com recomendações específicas. Na comunicação expedida o Diretor Geral informa que

tentar impedir a invasão pela gripe influenza de uma região ou uma cidade é procurar resolver um problema insolúvel, é uma utopia científica em sua marcha caprichosa e vagabunda; a influenza ou gripe tem até agora em todos os países menosprezando todos os regulamentos, todas as medidas administrativas a todas as quarentenas; o mais que pode o higienista aspirar é preservar limitados agrupamentos humanos, como: enfermarias, prisões, colégios. O isolamento tão eficaz em geral contra doenças contagiosas, é irrealizável contra a gripe epidêmica.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Telegrama enviado pelo Dr. Carlos Seidl, Diretor Geral de Saúde Pública, ao Dr. Januário Cicco. O telegrama foi enviado no dia 11 de outubro de 1918 e publicado no Jornal A República três dias depois.

Após deixar evidente a impossibilidade de resolver a epidemia com medidas de isolamento, o Dr. Carlos Seidl sugere a adoção de medidas profiláticas individuais, tais como, a assepsia da boca e das fossas nasais e o uso de quinino como preventivo. Por fim o Diretor Geral de Saúde afirma que não se justifica o temor exagerado com a gripe espanhola.

As autoridades médicas locais passaram a expressar suas opiniões sobre a doença na imprensa. O Dr. Januário Cicco foi uma das primeiras autoridades a se manifestarem acerca do assunto. No jornal “A República”, Cicco escreveu um artigo fazendo uma série de recomendações para dotar a população de conhecimentos mínimos necessários para enfrentar a doença, que tantos problemas já vinha causando em outros locais.

A exemplo do que já vinha sendo dito por outras autoridades médicas, o comunicado de Cicco enfatiza o uso do sal de quinino, como meio preventivo para combater a tão propalada *gripe*.<sup>18</sup> No entender do médico norte-rio-grandense, a *Gripe Espanhola* não passava de uma mera repetição de gripes que durante anos afetavam a população.

Para Cicco nada de novo havia para que existisse uma preocupação exagerada por parte da população. Seria necessário apenas que as pessoas tomassem os cuidados de praxe para que não houvesse nenhum problema mais sério. O entendimento de que a *gripe* que atingia a população naquele momento era semelhante a todas as outras que ciclicamente se manifestava dentre a população, era quase que universal. As diversas autoridades médicas, espalhadas mundo afora, tinham a mesma compreensão acerca do assunto: não ocorreriam maiores complicações por conta da epidemia que estava se espalhando naquele ano.

Os médicos locais explicitavam que se os cuidados básicos fossem tomados, nada demais aconteceria e os efeitos da *influenza* seriam mínimos. Todavia, nas últimas semanas do mês de outubro de 1918, começaram a repercutir de forma mais intensa em nossa capital casos de pessoas infectadas. Um grande colégio particular da cidade, o Colégio da Conceição, antecipou o encerramento do ano letivo, as escolas públicas municipais foram fechadas, foi

---

<sup>18</sup> CICCICO, Januário. Carta ao redator do jornal *A República*. 19 de outubro de 1918.

ordenada a desinfecção diária dos mercados da Cidade Alta e da Ribeira, os cinemas tiveram suas atividades suspensas, a liga esportiva suspendeu todos os jogos de futebol que ainda estavam por se realizar naquele ano<sup>19</sup>.

Outro setor da sociedade que teve suas atividades bastante prejudicadas, foi a igreja Católica, que no início do mês de Novembro, através do Bispo de Natal, Dom Antônio Cabral, emitiu um comunicado com uma série de recomendações aos sacerdotes da diocese, onde fica latente que a opinião da igreja, era de que a manifestação da enfermidade se constituía numa demonstração de desaprovação de Deus, em relação ao comportamento dos homens, que estavam se tornando cada vez mais libertinos, demonstrando a cada dia que passava, menos temor a Deus, portanto, retornar ao seio da Igreja e às práticas cristãs, era indiscutivelmente o melhor meio para evitar que problemas dessa espécie acontecessem novamente.

Dentre as medidas de caráter prático, foi solicitado aos vigários que dessem todo o apoio possível, no sentido de divulgar as medidas sugeridas pelas autoridades nas suas respectivas paróquias, insistindo para que os fiéis as adotassem em seus lares para que se pudesse evitar o alastramento da epidemia. Nesse mesmo comunicado, foi informada a suspensão do novenário que antecedia à festa da padroeira da cidade, e ainda recomendava que os serviços religiosos fossem oficiados durante o dia, de preferência, e no menor espaço de tempo possível. A comunidade evangélica, também tratou de tomar as suas medidas; suspendeu os serviços religiosos à noite e instalaram um posto de socorro, no intuito de auxiliar as autoridades públicas no combate à epidemia.

Na rotina das empresas que atuavam aqui em Natal, não tardou muito a acontecer o que já vinha se repetindo em cidades como o Rio de Janeiro, então Capital Federal, que viu diversas de suas repartições pararem de funcionar, em função da quantidade de funcionários que caíram doentes, terem inviabilizado a continuidade da prestação dos serviços. Um

<sup>19</sup> A República, 23 de outubro de 1918.

A Igreja: Comunicação (Antônio Cabral)

exemplo prático verificado em nossa capital, foi o da empresa Tração, Força e Luz, responsável pelo fornecimento de energia elétrica, que mandou publicar uma nota no jornal “A República” no dia 13.11.1918, informando a população que a iluminação pública seria suspensa às 23:00 hs, uma vez que o número de faltosos estava impedindo o funcionamento regular da usina elétrica, onde era gerada a eletricidade que abastecia à cidade.

Dentro do conjunto de medidas preventivas tomadas pelas autoridades públicas para combater a epidemia, passaram a ser instalados por toda a cidade, postos de socorro, com o objetivo de atender a população mais desassistida. Foram instalados três postos: o posto das Rocas, cuja coordenação ficou a cargo da Associação das Damas de Caridade, já o do Alecrim ficou a cargo do Professor Luiz Soares, do capelão do Alecrim (Fernando Nolte) e do delegado do bairro, o Tenente Bandeira, contando ainda com a colaboração do Grupo de Escoteiros, que estava sob o comando do Dr. Henrique Castriciano, que realizavam um trabalho de visitação, levando alimentos e remédios para aqueles que não pudessem se deslocar até o posto. É importante salientar, que nestes postos eram distribuídos mantimentos, numa quantidade prescrita pelo Dr. Calistrato Carrilho, que era o Inspetor de Higiene da Capital, e também remédios para combater a gripe que tanto incomodava a população. Além dos dois postos citados anteriormente, existia também um que funcionava na própria Inspetoria de Higiene, e que visava atender as populações pobres da Ribeira e Cidade Alta.

Estes postos de socorro tinham uma dupla função: por um lado, fornecer uma pequena quantidade de mantimentos, querosene e medicamentos<sup>20</sup>; por outro, atuar como centro de informações para as autoridades. A função do posto de socorro como fornecedor pode ser exemplificada quando o desembargador Ferreira Chaves, em novembro de 1918, organizou várias comissões para ajudar aos pobres a combater a *Gripe*. Uma dessas

---

<sup>20</sup> Cada doente recebia “além dos remédios necessários, mais a dieta, constando de 50 gramas de arroz, 40 gramas de açúcar especial, 20 gramas de café moído, 20 gramas de araruta, 5 gramas de chá preto, 2 garrafas de leite, um pão e um decilitro de querosene.” *A República*, 19 de novembro de 1918.

comissões, sob a presidência de Luis Soares, organizou no *Grupo Escolar Frei Miguelinho* as distribuições de material para os infectados com o vírus da gripe.

No que se refere atendimentos realizados no posto, eles eram fundamentais pois permitiam que as autoridades tivessem controle sobre o número de doentes e o estado de saúde que apresentavam. O *Posto de Socorro do Alecrim* e a *Inspetoria de Higiene*<sup>21</sup> foram os que mais se preocuparam com a questão do levantamento das informações. Nesses dois núcleos havia um controle sobre a quantidade de pessoas atingidas pela epidemia da gripe.

É importante salientar que nem todos os postos de socorro tinham o mesmo padrão de controle. Importante também enfatizar que os dados eram publicados pela imprensa, mas não havia uma sistematização que nos permita identificar os números da *Gripe* com precisão. “A República” destacou notícias da epidemia, diariamente, durante os três meses em que a doença se manifestou com maior intensidade, inclusive com vítimas fatais. Isso demonstra a repercussão da *Gripe* na cidade. Entretanto, os informes publicados não apresentam dados quantitativos que acompanhassem a evolução da epidemia. Para trabalharmos com esses números se fez necessários que reuníssemos várias informações dispersas.

A partir dessa idéia pode-se inferir que não havia, por parte do Estado, um controle efetivo sobre a doença e os seus efeitos. É nítido que havia o desejo do executivo em minimizar os efeitos da epidemia. Nesse sentido, a mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, por ocasião da abertura da 1ª Sessão da décima legislatura, em 1º de Novembro de 1918, pelo governador, Desembargador Ferreira Chaves, é reveladora. A firma Chaves:



Tenho recebido comunicação telegráfica dos presidentes das Intendências de Areia Branca e Mossoró, Coronéis Francisco Fausto e Jerônimo Rosado, de que atualmente grassa na sede destes municípios a influenza espanhola, dei, com a maior presteza, as providências necessárias no sentido de serem auxiliadas as mesmas intendências,

<sup>21</sup> A *Inspetoria de Higiene* funcionava no Porto de Natal, no bairro da Ribeira.

por parte do Estado com os socorros médicos e farmacêuticos que a gravidade e intensidade exigirem, e ordenei o fechamento dos grupos escolares que funcionavam nos dois municípios.<sup>22</sup>

Pela mensagem identifica-se a presteza em atender aos doentes. Entretanto, essa presteza estava limitada a ações voltadas para atuar nos efeitos da epidemia. Tal fato explica a não existência de um controle sobre os dados quantitativos. Contemporaneamente podemos fazer apreciação sobre a evolução da doença reunindo informações até então dispersas.

A presença da epidemia em Natal foi anunciada pela primeira vez em “A República” no dia 19 de outubro de 1918. Nesta data foi feita também uma campanha de vacinação contra a varíola no Posto vacínico do Grupo Frei Miguelinho. O interessante é que se convidava a população para se vacinar contra a varíola, deixando evidente a idéia de essa vacina também contribuía para o controle da gripe espanhola.<sup>23</sup>

Antes dessa data havia o noticiário local informava sobre a Gripe em outros lugares do Brasil e do mundo. Como já afirmamos, as primeiras medidas coletivas contra a doença foram tomadas efetivamente nas últimas semanas de outubro e nas primeiras de novembro de 1918<sup>24</sup>.

O início de novembro parece ter sido o período mais crítico da doença. No dia 19 de novembro, informa *A República*:

Anteontem procuraram a assistência 242 pessoas, muitas das quais levaram alimentos e remédios para pessoas das suas família. A turma dos escoteiros visitou 44 casas, socorrendo 68 doentes. [...] Dos trezentos e tantos doentes, só anteontem faleceram dois, estando todos os demais consideravelmente bem<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> CHAVES, Ferreira. Mensagem do governador a assembléia Legislativa, 1918.

<sup>23</sup> A República, 15 de outubro de 1918. Telegrama enviado por Carlos Seidl para Januário Cicco.

<sup>24</sup> A República.. 04 de novembro de 1918.

<sup>25</sup> A República, 19 de novembro de 1918.

O declínio da doença começa a aparecer em “A República” em meado de dezembro de 1918. No dia 15 de dezembro o inspetor geral de higiene do estado, dr. Calistrato Carrilho, reabriu os estabelecimentos de diversão que haviam sido fechado como medida preventiva contra a propagação da epidemia na cidade<sup>26</sup>.

A partir dessa data, as notícias vão ser mais raras e anunciar a diminuição da doença. As notícias vão até janeiro, mas neste mês quase não encontramos casos da doença. Em janeiro as reportagens se referem a medidas referentes a dezembro. Ao que tudo indica em janeiro a doença já não mais existia na cidade. Persistimos a pesquisa nos jornais até março de 1919, mas não encontramos nenhuma informação sobre a epidemia.

---

<sup>26</sup> A República. 11 de dezembro de 1918 e 12 de dezembro de 1918.

### 3. OS TRATAMENTOS PARA CURAR A *GRIPE ESPANHOLA*

Apesar do grande número de vítimas, resultante da epidemia de gripe espanhola, não se pode dizer que não houve tentativas dos médicos em buscar soluções através de remédios que pudessem evitar a ação da influenza. As autoridades preocupadas em evitar o alastramento da gripe fizeram uso dos jornais em todo o território nacional para divulgar uma série de medidas consideradas úteis para minimizar os riscos de se contrair a doença, como podemos ver a seguir

#### A Influenza Conselhos ao povo (da Inspetoria de Higiene)

EVITAR aglomerações, principalmente à noite.

NÃO fazer visitas.

TOMAR cuidados higiênicos com o nariz e a garganta; inalações de vaselina mentolada, gargarejos com água e sal, com água iodada, com ácido cítrico, tanino e infusões contendo tanino, como folhas de goiabeira e outras.

TOMAR como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino, nas doses de 25 a 50 centigramas por dia, e de preferência no momento das refeições.

EVITAR toda fadiga ou excesso físico.

O DOENTE aos primeiros sintomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contágio, também, não deve receber absolutamente nenhuma visita.

EVITAR as causas de resfriamento é de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e convalescentes.

AS PESSOAS IDOSAS devem aplicar-se com mais rigor ainda, todos esses cuidados.<sup>27</sup>

Além destas recomendações que foram publicadas a pedido da Inspetoria de Higiene, os médicos começaram a se manifestar rapidamente, acerca de quais seriam os remédios mais adequados para combater a epidemia que estava se abatendo sobre a população naquele momento. No dia 19.10.1918, foi publicada a pedido do Dr. Januário Cicco, o

<sup>27</sup> Essas recomendações foram publicadas durante vários dias, nos meses de outubro a dezembro, em A República.

conjunto de medidas prescritas por ele com o objetivo de combater a influenza, que reproduziremos a seguir.

Sr. Redator de "A República",

Acreditando auxiliar a defesa da saúde pública contra a epidemia de gripe ou influenza espanhola que celeramente se dissemina por toda a parte, e por isso mesmo sem medidas de profilaxia geral devo aconselhar a população deste estado, o que se fez na França na memorável epidemia de 1889 e 1890.

Parece ter sido Hochard o divulgador do efeito dos sais de quinino contra a gripe e este juízo mereceu a confirmação de todos os médicos eminentes.

Embora alguns contestassem o valor profilático da quinina a sua vaso-constritor e portanto, hipertensor e como a gripe-toxina é deprimente e hipertensora, o remédio preferido antes e durante a moléstia é a quinina, porque ela é ainda anti-térmica, anti-séptica, abrevia a convalescença e se opõe a astenia.

Ninguém, espere adoecer para fazer uso dos sais de quinina, é necessário tomá-lo como preventivo, tanto mais quanto o professor Hochard, acrescenta serem as formas ligeiras da gripe, sem febre, apenas com coriza e uma simples traqueíte, mas suscetíveis de agravação do que outra qualquer, pela insidiosidade da moléstia e suas complicações.

Ainda como medida de profilaxia individual, é indispensável fazer a desinfecção das fossas nasais e da boca com soluções de fenol (50 centigramas por 1.000 de água), água thenicada (5 gramas para 1.000), fenosalil (2 gramas para 1.000), água oxigenada, etc...

Os cuidados da pele são indispensáveis e o uso diário de banhos mornos é aconselhável.

A pulverização ou insuflação nas fossas nasais de um anti-séptico não irritante (Subnitrato de bismute- 6 gramas, benfoime pulverizado - 6 gramas, ácido bórico - 20 centigramas, mentol - 10 centigramas) completam as medidas de defesa às cavidades.

A menor indisposição que se sinta, frio, arrepios, mesmo quebrantamento de forças, coriza, guarde-se o leito, não devendo afrontar-se às correntes de vento para atenuar ou evitar como diz o professor G. André, o segundo ou terceiro ato deste drama.

O professor Mossé afirma que o quinino exerce uma ação preventiva sobre as manifestações da infecção gripal e por este motivo deve ser usada em dose relativamente elevada.

E aproveitando as múltiplas propriedades dos sais de quinina, dei às farmácias uma forma pilular, cujo uso será indicado de acordo com a idade.

Não é novidade farmacêutica, mas a quinina associada a outros elementos anti-fluxionários que agem levantando as forças vitais

contra o bacilo da gripe e anulando a gripo-toxina sobre os centros nervosos.

Não é para reclamar as pílulas que dou aqui instruções de profilaxia, mas sendo a classe desafortunada que maior tributo paga às epidemias, formulei uma receita de fácil aquisição e emprego.

Seria até para louvar se os poderes competentes distribuíssem recursos, mandando um funcionário da inspetoria de higiene em toda choupana fornecer esta ou qualquer outra fórmula farmacêutica contendo quinina e aconselhando cuidados higiênicos nas habitações, evitando as bebidas alcoólicas, os excessos, a fadiga, as aglomerações; escolher uma alimentação sadia, beber água fervida para fugir das complicações intestinais e trazer o ventre desembaraçado.

São estas as precauções e os conselhos a seguir, é tudo o quanto se pode fazer a falta de outra profilaxia.

Muito grato pela publicação destas linhas, se asseguro:  
Vosso amigo e admirador Januário Cicco.<sup>28</sup>

É interessante notar o valor que se dá ao sal de quinino, tanto no processo preventivo, quanto curativo, o que fez com este produto atingisse em algumas cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro um preço astronômico, provocando uma intervenção do poder público no sentido de frear a especulação, que foi a distribuição do produto por órgãos do governo.

Outra tentativa de combater a disseminação da epidemia foi a utilização da vacina destinada ao combate da varíola<sup>29</sup>.

No livro *A Gripe Espanhola em São Paulo*, escrito por Cláudio Bertolli Filho, consta uma análise de 27 receitas prescritas por médicos que atuaram na capital paulista, onde são identificadas 178 diferentes drogas, com predominância de calomelanos (soluções com baixa concentração de mercúrio), os compostos de quinino, os chás de erva e o fósforo.

A primeira substância tinha uma função purgativa, pois o ideário médico da época considerava que a eliminação do bolo fecal e a regularidade das funções intestinais eram o caminho mais acertado para a eliminação das toxinas, produzidas pelo micróbio da influenza,

<sup>28</sup> Carta de Januário Cicco para A República. A carta foi publicada no jornal no dia 19 de outubro.

<sup>29</sup> BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatânicos e curandeiros: práticas de curas no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et alli. (org.). Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. São Paulo: Unicamp, 2003.

o que em tese aumentaria as chances de recuperação dos enfermos; na prática se constatou a ocorrência de diversos casos de fraqueza por conta da constante diarreia provocada por essa substância associada a intoxicação causada pelo uso excessivo do quinino. Este fato demonstra que o desespero das pessoas em buscar a cura, fazia com que elas se esquecessem dos efeitos colaterais provocado pelo uso excessivo dos remédios.

Outro meio para se tentar curar a gripe citado pelo autor foram as chamadas drogas tranqüilizantes que tinha como objetivo principal combater a chamada gripe nervosa que era diagnosticada quando o paciente se encontrava delirando, em função do constante estado febril que algumas delas enfrentavam quando eram contagiados pela gripe.

Um método que foi amplamente defendido por alguns especialistas, foi a sangria, procedimento que mereceu o seguinte comentário de um bacteriologista por nome Francis Haeckel: o melhor procedimento terapêutico para casos de complicação seria a sangria de meio litro, sem consideração pela idade, pela anemia ou pela fraqueza do cliente<sup>30</sup>.

Se a alopatia era o meio mais utilizado para combater a epidemia de gripe espanhola, os homeopatas também se fizeram presentes dentre aqueles que utilizaram os seus métodos para combater a influenza.

Com o objetivo de melhor conhecer, e conseqüentemente esclarecer como funcionava a homeopatia, os jornalistas do periódico “A Gazeta”, foram ao consultório do Dr. Murinho Nobre (homeopata da cidade de São Paulo) com o intuito de conhecer as fórmulas que eram utilizadas por ele no combate à influenza.

Nesse sentido, o médico informou os medicamentos mais eficazes no tratamento dos doentes.

1ª - Gelsemium e Eupatorium porf. 1 gota em meio cálice de água, de hora em hora, alternando – contra febres altas, dores pelo corpo e abatimento. Forma mais generalizada.

---

<sup>30</sup> HAECKEL, Francis. A gripe epidêmica actual, *O Estado de São Paulo*. 17/12/1918, p.3.

2ª - Gelsemium e Baptista, para forma intestinal. 1 gota de hora em hora, alternando.

3ª - Antimônio Tart. 30 e Phosporus 30, para a forma pneumônica. 1 gota de hora em hora, alternando<sup>31</sup>.

Além das receitas o Doutor Murtinho relacionava para os leitores do jornal os produtos gerais que empregava no combate à epidemia.

- Arsênico iodado – para grande prostração, coriza;
- Gelsemium – para febre com grande abatimento;
- Acônito – para febre alta, medo de morrer e eretismo nervoso;
- Eupatorium – para dores pelo corpo, sobretudo nas pernas e nas costas;
- Bryonia – para o tifo pulmonar, com catarro pleuris, etc;
- Rhus – para dores reumáticas nas extremidades e para a forma tífica;
- Antimonium iod – para bronquite com expectoração muco purulenta;
- Antimonium tart – para bronco-pneumonia;
- Cuprum ars – para o tifo gastro-intestinal de forma maligna;
- Quininum ars – para convalescença<sup>32</sup>

Se os médicos tinham a sua fórmula preferida na ponta da língua, a sabedoria popular também tinha as suas próprias receitas. Na busca desesperada por algo que curasse a doença, o limão passou a ter um papel crucial, fosse puro ou misturado com qualquer coisa, desde a pinga até o sal, a fruta passou a ser vista como mais uma daquelas soluções milagrosas. Entretanto, a exemplo do que já tinha acontecido com outros produtos, também este, foi fruto de uma especulação desenfreada, proporcionando lucros absurdos para os vendedores, as custas da boa fé da população, que já se encontrava numa situação calamitosa, e ainda tinha que enfrentar a insaciável sede de lucros de alguns comerciantes espertalhões.

Podemos constatar que não era por falta de remédios que o número de vítimas da *Gripe* crescia a ponto de causar um verdadeiro caos nas maiores cidades brasileiras. Em Natal, particularmente, o número de infectados foi alarmante. Para se ter uma idéia só o posto

<sup>31</sup> BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza , a medicina inferna*. P. 204

<sup>32</sup> ibdi, ibid

de socorro do Alecrim atendeu no período de 15 de novembro a 15 de dezembro de 1918 o total de 10.814 pessoas.<sup>33</sup>

Não temos o quantitativo dos outros postos, mas sabemos que a epidemia levou à óbito 187 pessoas. Só nos meses de novembro e dezembro de 1918 o número de mortos atingiu 125 pessoas.<sup>34</sup> Isso prova que a tese da benignidade da gripe demonstrou-se ineficaz, tendo em vista o grande número de pessoas que foram infectadas.

---

<sup>33</sup> A República, 17 de dezembro de 1918.

<sup>34</sup> Mensagem enviada pelo presidente do estado do Rio Grande ao Congresso Legislativo. 1º novembro de 1919.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa demonstrou a estrutura da cidade do Natal na transição da década de 1910 para 1920. Detectou-se que boa parte das casas situadas na zona urbana da cidade não contava com condições sanitárias e higiênicas adequadas. Essa situação facilitava a proliferação de doenças dos mais variados tipos, particularmente nos bairros mais pobres da capital.

Além das difíceis condições das casas, a população ainda tinha que conviver com diversas lagoas situadas próximas aos bairros residenciais. As lagoas facilitavam a formação de criadouros de mosquitos, o que as tornava alvo de insistentes solicitações por parte das autoridades médicas da cidade para que fossem aterradas ou drenadas. Os médicos deixavam evidente que iria contribuir para a diminuição do número de casos de doenças transmitidas por esses insetos.

A cidade já havia sofrido com outras epidemias. No início do século XX, por exemplo, tinha ocorrido uma epidemia de varíola (1904-5).

A chegada da *influenza* a estas paragens, demonstrou o quanto era frágil a estrutura para o atendimento da população, em particular a mais desassistida financeiramente. Isto porque além do pequeno número de médicos existentes, também não havia como prestar atendimento ambulatorial a todos aqueles os infectados pela doença. Tanto é verdade, que uma das primeiras providências tomadas pelo poder público, foi a montagem de postos de atendimento provisórios, que ficaram encarregados da distribuição de uma pequena quantidade de mantimentos, querosene e remédios, para aqueles que não pudessem bancar a aquisição destes produtos, às suas próprias expensas.

Associado à este problema, havia também uma grande limitação técnica por parte dos profissionais de saúde, que tinham grande dificuldade em elaborar diagnósticos mais

precisos, fosse pela infra-estrutura deficiente, ou pelo fato das teorias aceitas pela classe médica serem muito arcaicas; basta dizer que as chamadas “teorias miasmáticas” (a transmissão das doenças era realizadas através dos odores fétidos), tinham ampla aceitação entre os profissionais de saúde, o que demonstra bem qual era o ideário médico vigente à época.

A pesquisa demonstrou que enquanto durou a epidemia as iniciativas tomadas pelo poder executivo tiveram ampla divulgação na imprensa local. Entretanto, é importante ressaltar que em nenhum momento é possível verificar no jornal “*A República*”, uma crítica sequer a qualquer ação executada pelo Governo. Essa situação é facilmente explicada, pois o periódico era o órgão de divulgação do Partido Republicano, e o governador à época, Desembargador Ferreira Chaves, era o presidente daquela agremiação partidária. Tal situação nos levou a pensar, que aí reside o motivo da completa ausência de reclamações em relação à atuação do governo.



## BIBLIOGRAFIA

ABRÃO, Janete Silveira. **Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918.** Porto Alegre: EDIPUCS, 1998.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciências e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices e curandeirices: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALOUB, Sidney et alli (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social.** São Paulo: editora da UNICAMP, 2003. p. 196-227.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Conselhos ao povo: educação contra a influenza de 1918. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p.103-117, abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n59/a08v23n59.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal.** Natal: RN Econômico, 1999.

GOULART, Adriana da Costa. **Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro, 2003.** Universidade Federal Fluminense: Niterói. Dissertação (Mestrado em História)

KOLATA, Gina Bari. **Gripe: a história da pandemia de 1918.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

LIMA, Pedro de. **Saneamento e modernização em Natal: Januário Cicco, 1920.** Natal: Sebo Vermelho Edições, 2003.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **De cidade a cidade: o processo de modernização do Natal 1889/1913.** Natal: EDUFRN, 1999.

## FONTES

A REPÚBLICA, Natal, 14 Out. 1918

A REPÚBLICA, Natal, 19 Out. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 23 Out. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 24 Out. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 04 Nov. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 07 Nov. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 13 Nov. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 14 Nov. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 19 Nov. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 30 Nov. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 06 Dez. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 14 Dez. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 11 Dez. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 17 Dez. 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 17 Dez. 1918.

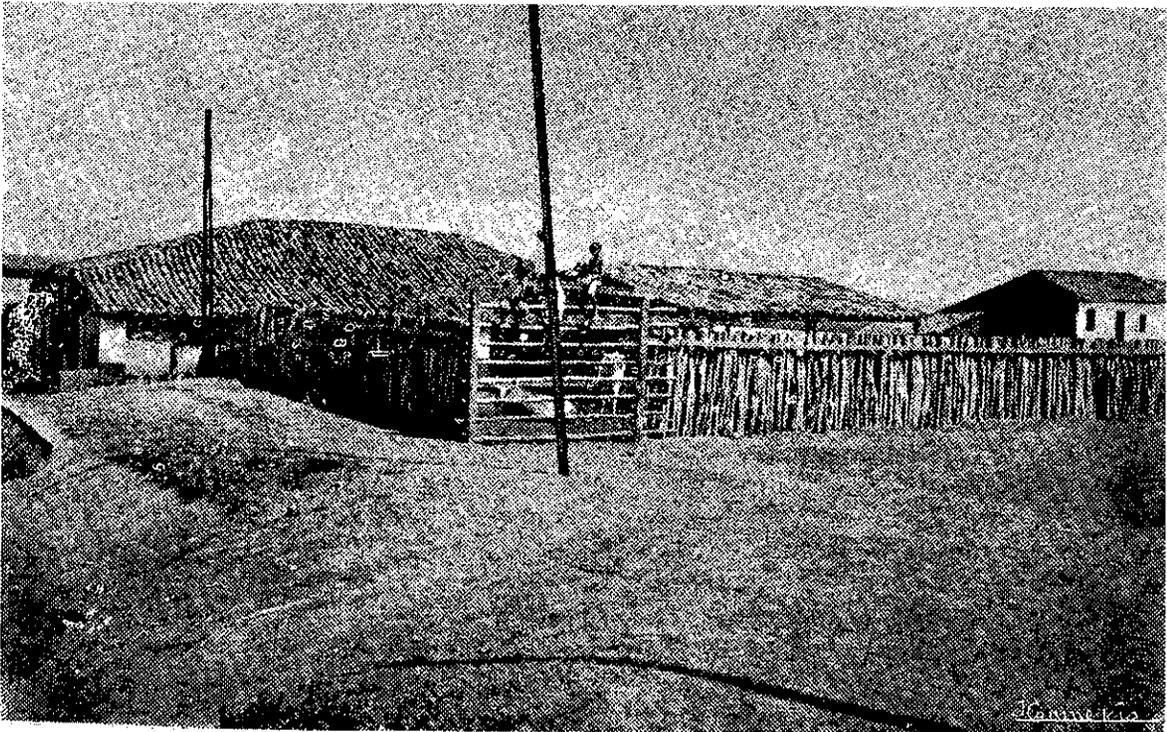
A REPÚBLICA, Natal, 11 a 17 Jan. 1919

A REPÚBLICA, Natal, 5 a 17 Fev. 1919

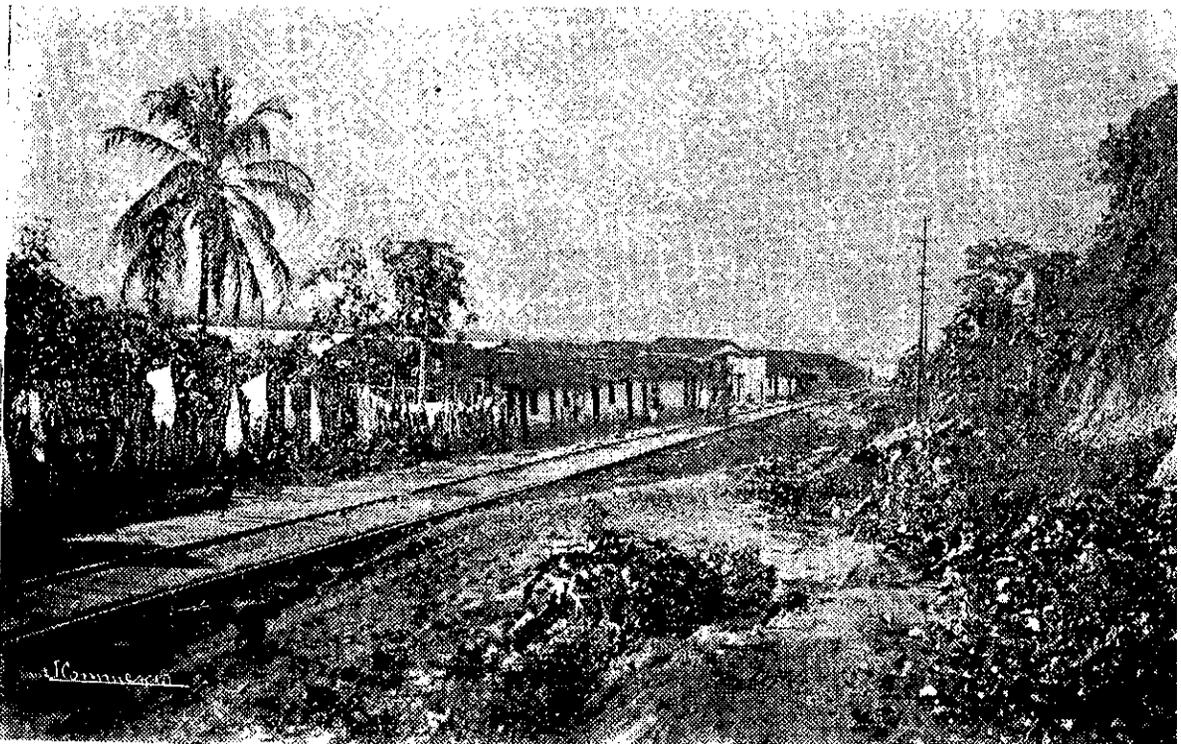
A REPÚBLICA, Natal, 21 Mar. 1919.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 17 Dez. 1918.

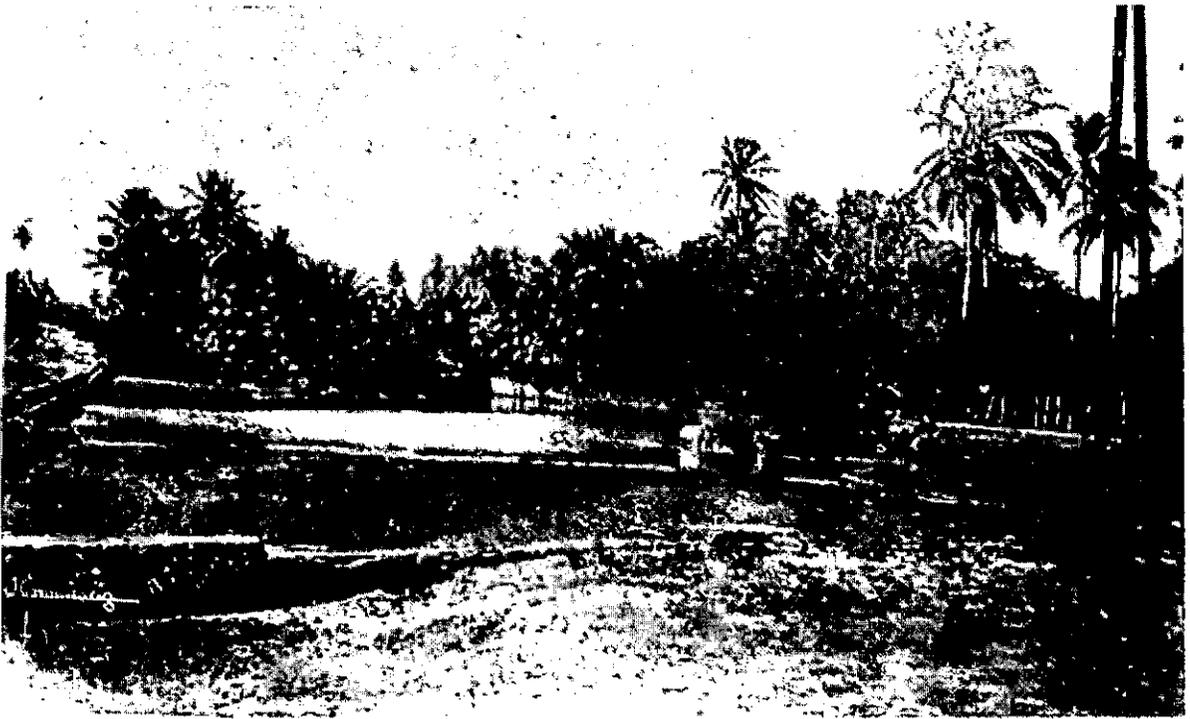
## ANEXOS



MATADOURO



PASSO DA PÁTRIA



BALDO



BAIRRO DAS ROCAS